

MÍLOVIC, Miroslav. **Filosofia da Comunicação**: Para uma crítica da Modernidade. Tradução do manuscrito em inglês por Verrah Chamma. Brasília: Plano Editora, 2002, 310 p.

*Paulo Roberto Andrade de Almeida\**

Trata-se de uma obra extremamente interessante, ligada a temas centrais da filosofia em nossos dias. O livro *Filosofia da Comunicação: Para uma crítica da modernidade* enfoca a fundamentação da subjetividade humana nos tempos modernos e atinge seu ápice ao analisar a questão da intersubjetividade. Miroslav Mílovic demonstra, em agradável exposição, como foi possível a mudança de paradigma da consciência subjetiva para a razão dialógica.

O autor percorre, de forma magistral, os caminhos da razão no ocidente, desde a queda da perspectiva medieval e o advento da modernidade até a estruturação do chamado pensamento filosófico pós-convencional, próprio de um mundo globalizado, de uma sociedade ideologicamente plural, em que a dimensão ética da vida adquire relevância inestimável, visto que o homem contemporâneo assume responsabilidade planetária sobre seus atos no mundo da vida.

A obra expõe, numa perspectiva historiográfica, a relação entre a formação do capitalismo ocidental e a racionalidade. O autor parte da análise da concepção weberiana de trabalho em sua compreensão ética. Merece tratamento especial a interpretação calvinista do trabalho humano, sua dimensão de ascese, contraposta a um discurso tradicional, centrado no agir humano.

Em seguida, passa à idéia kantiana de conhecimento transcendental, como aquele “que se ocupa não tanto dos objetos

---

\* Mestrando em Filosofia do Programa de Pós Graduação em Filosofia da UFU e Professor do Departamento de Filosofia – UFSJ. E-mail: pandrade@ufsj.edu.br

como da forma do nosso conhecimento dos objetos na medida em que essa forma do conhecimento seja possível *a priori*" (p. 50). O autor busca demonstrar como esse princípio sintético do conhecimento tem, em última instância, um caráter analítico e consegue entrever nos escritos kantianos algumas brechas que sugerem já uma abertura à intersubjetividade, embora o tema não fosse ali ainda explícito – admite. De qualquer forma, Kant intentou fundamentar a subjetividade universal, ainda que permanecendo preso ao sujeito monológico, solipsista. Importa, sobretudo, sua contribuição para a fundamentação da ética como conhecimento racional *a priori*.

O imperativo categórico é um juízo sintético *a priori* e, como tal, o princípio da moralidade. Se agimos segundo esse imperativo, agimos por determinação da vontade boa em si mesma, que não pode ser má, sob pena de auto-contradição performativa. Essa ação é, em princípio, auto-legisladora e legisladora universal. (p. 83). A razão determina a vontade, fazendo-a boa em si mesma. Esta determina a ação moral, pois que a vontade boa em si é a vontade autônoma, como expressão máxima da liberdade humana. Assim, a ética se fundamenta na filosofia transcendental.

Kant, aos olhos de Mílovic, consegue desviar a tônica tanto do sujeito metafísico (segundo os moldes aristotélicos) como da objetividade (segundo os padrões modernos), para instaurar o que chama de *metafísica da subjetividade*, e não estaria preocupado com os princípios da vida boa, mas em garantir princípios de ação que se fundamentem na razão prática. Isto faz do sujeito kantiano um sujeito auto-legislador e legislador universal, na medida em que o princípio de sua ação deve servir como lei universal.

Concluindo esse primeiro momento da reflexão dedicado à subjetividade, o autor abre perspectivas para discussões acerca da intersubjetividade. No quinto capítulo faz, portanto, uma crítica do modelo da reflexão até aqui esboçado, valendo-se para isto de alguns princípios da filosofia de Hegel e, em seguida, concentra-se em Husserl, autor de uma tentativa malograda, em certo sentido, de superar o *cogito*. Mas Mílovic vê nessa tentativa a porta de acesso para a colocação do problema da intersubjetividade.

Mílovic mostra como Edmund Husserl dá o passo decisivo para a fundamentação de uma pragmática da linguagem. Vale registrar que aos olhos de Mílovic, Husserl trabalha de forma marginal temas que serão centrais a Apel e Habermas; no entanto, por meio da estrutura noético-noemática e da concepção de um *ego transcendental*, franqueia o acesso livre para que aqueles frankfurtianos possam mais tarde caminhar na direção de uma filosofia da linguagem que supõe a reciprocidade dialógica.

O segundo momento da obra é dedicado à intersubjetividade. Mílovic o inaugura, buscando explicitar *a linguagem como novo paradigma filosófico*, o que lhe permite constatar que a reviravolta pragmático-lingüística supõe sempre uma comunidade de comunicação, já presente no pensamento wittgensteiniano e uma intersubjetividade transcendental que, conforme Apel, pressupõe a possibilidade e a validade do conhecimento.

Mílovic expõe os pontos essenciais da filosofia da linguagem de Habermas, que trata da estrutura performativo-proposicional da fala: o poder ilocutivo dos atos de fala supõe que seja possível a alguém dizer algo a outrem sobre o mundo de vida. Portanto, quem fala reconhece já implicitamente o *a priori* do discurso argumentado. Vale dizer: a racionalidade humana é comunicativa por excelência.

A auto-reflexão não é possível de maneira solipsística. A linguagem privada não é possível e a comunidade de comunicação é uma dimensão insuperável da argumentação significativa. Portanto, importa para a filosofia que ela seja fundamentada em relação a essa comunidade de comunicação, que supõe a relação entre sujeito e co-sujeito e que possibilita que as pretensões de validade universais e necessárias sejam satisfeitas no mundo da vida.

A pragmática transcendental da linguagem entende que uma fundamentação filosófica seja possível e, para tanto, supõe sempre a existência de uma comunidade comunicativa real, à qual todos pertencemos como seres livres e iguais e supõe também a antecipação da comunidade de comunicação ideal. Essa condição necessária de toda argumentação significativa é também o fundamento comunicativo necessário da conduta moral. Portanto,

a fundamentação pragmático-lingüística e transcendental se assenta no princípio da subjetividade universal, isto é, da intersubjetividade, não nos moldes da filosofia da consciência, mas segundo a perspectiva do reconhecimento dialógico recíproco dos membros da comunidade de comunicação. Significa dizer que há implicitamente uma base argumentativa do pensamento, que constitui o significado e a validade das asserções acerca do mundo da vida que parte da comunidade de comunicação real e antecipa a ideal. Como tal, aproxima a teoria consensual da verdade da ética.

A ética do discurso, apresentada como reflexão possível e necessária, estabelece consensualmente as normas de ação num mundo em que a responsabilidade é coletiva, pois mesmo que para a Europa moderna bastasse uma ética de interesse privado, observa Mílovic, os conceitos da ética tradicional já não são suficientes para atender aos desafios das novas estruturas de poder. Mílovic avalia a contribuição de Apel sobre a emancipação do indivíduo, que se torna sujeito ao participar responsavelmente dos discursos práticos, pois realiza a comunidade de comunicação ideal na real. (p. 251). Apel vincula o interesse ao trabalho e à interação. O problema da emancipação também está ligado às relações do trabalho e à interação no mundo da vida. Por isso, Mílovic pode afirmar que a condição de emancipação não é transcendental, mas condicionada pelo mundo da vida.

Conclusivamente, o autor aqui resenhado afirma que:

A linguagem, tomada como o novo paradigma filosófico, assinala a idéia da estrutura social da mente, o que implica a intersubjetividade, e não apenas a estrutura mental interna de nossas faculdades espirituais [...]. O imperativo não será mais baseado na boa vontade, mas na comunicação como a nova perspectiva de determinação da racionalidade [...]. Ao invés de prescrever como válida para todos uma máxima que se deseja impor como lei universal, eu estou agora obrigado a apresentar essa máxima aos participantes da comunicação, para que se estabeleça, através do consenso, sua validade universal (p. 262-263).

Nesse sentido, a idéia de universalização não supõe ausência

de contradição, mas um acordo comunicativo mutuamente aceito por todos. Supõe a força do melhor argumento. A dupla estrutura performativo-proposicional desse ato refere-se à comunidade de comunicação real e ideal para determinação do sentido e significado capazes de atender às pretensões de validade.

Ao final, o autor observa que existem várias formas de racionalidade. Impera, porém, em nosso mundo a científica, responsável por consideráveis mudanças no cenário mundial. Mílovic investiga, na verdade, o que já era desde sempre pressuposto, mas não explícito: o caráter intersubjetivo do indivíduo enquanto inserido num mundo da vida.

“A reviravolta lingüística estabelece a linguagem como tema, mas não consegue detectar sua dimensão comunicativa essencial. É a pragmática da linguagem que reconhece que o pensamento tem a estrutura da comunicação” (p. 295). Por isso, é possível falar de uma ética da comunicação como aquela que reconhece todos os membros da comunidade de comunicação (filósofos e cientistas) como parceiros equânimes no discurso. “O discurso não dispõe de qualquer coerção ou poder coercitivo obrigatório sobre quem quer que seja, e é por isso que é preciso avançar rumo à teoria da política e do direito, isto é, rumo à teoria social, a fim de institucionalizar as condições do discurso” (p. 300).

Numa agradável visita aos grandes filósofos modernos, Mílovic critica a fundamentação que aqueles pensadores deram ao conceito de subjetividade e consegue entrever como eles atinaram de forma implícita para o problema da intersubjetividade. Este problema, porém, só seria explicitado com a *linguistic-pragmatic-turn*, que tem lugar nos anos 60 do século passado.

Essa magnífica trajetória merece ser apreciada por todos os que se dedicam à pesquisa de conceitos correlatos, especialmente pelo fato de *Filosofia da Comunicação* ter sido escrita por uma importante figura intelectual capaz de transitar também pelos novos autores e paradigmas de nossos dias.

Data de Registro: 04/12/07

Data de Aceite: 11/02/08

Educ. e Filos., Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 237-241, jul./dez. 2008.